

XXI Concurso de Contos WASHINGTON DE OLIVEIRA

Priscila S. Bezerra

Terra de Brasis

Um velho sentado na soleira da porta que dava para a rua espreitava o movimento interiorano de sua vila. Um cachimbo com fumo mascado, no canto da boca, e um chapéu de palha sombreando o rosto magro e sulcado pelo tempo, figuravam marcantes. Os olhos ora passeavam pelo cerrado plano de horizonte longínquo, ora admiravam-se das formas que as construções davam àquela nova cidade. Ele viera atrás de um sonho, e junto de milhares estava ajudando a erguer um sonho maior. Era velho, mas era forte; e com orgulho um candango. Buscou na memória a caminhada que fizera para chegar ali, sua história, a estoica jornada de seus passos, e as durezas que o sertão pode desferir a um homem ensinando-o a sobreviver. Ou não. Ele sobreviveu, ao contrário de muitos dos seus.

Seu José nasceu no seio da miséria, e alimentou-se da escassez e da amargura da vida. Junto de sua família lutou pelo pão de cada dia, que muitas vezes não vinha, e ao lado de seus irmãos desbravou as veredas de sua terra a fim de dias melhores. Encontraram a promessa de uma vida menos indigna num pequeno ranchinho, e ali fixaram morada. Seu sonho maior era nunca mais ter de dormir de barriga vazia. Porém sua realidade era ver seus pais definhando e muitos de seus irmãos morrerem. As dores da perda e da fome não se compadeciam de José naquela época. A ferro e fogo sua alma foi calejada; assim cresceu e aprendeu a seguir em frente.

Ainda rapaz ganhou mundo após a morte de sua mãe. Ao se despedir de seu pai e do irmão caçula, sentiu um aperto enorme no peito e o ar lhe faltar, pois sabia que nunca mais voltaria àquele lugar. Eles eram os últimos a permanecer naquela terra. Seus outros irmãos tinham saído dali, indo cada qual para um lado. Talvez nunca mais voltassem a se ver. Durante sua viagem, na travessia desbravadora por uma vida melhor, já sem água e sem qualquer alimento, José sob o sol castigante no meio da paisagem árida perdeu as forças, e as pernas, e o corpo cederam à fraqueza. Caído sozinho com o rosto colado no solo poeirento, esse sertanejo pensou que ia morrer ali e servir de comida pra carcará. Sua vista estava embaçada, seus sentidos falhos, e a garganta seca por demais; suas pernas estavam dormentes e a única coisa que conseguiu fazer foi rezar. Pediu a Deus e a Nossa Senhora para que não o deixassem morrer ali, sua hora

ainda não tinha chegado, sabia disso. Pediu à sua mãezinha que agora tava no céu para intervir a seu favor, e depois disso perdeu a consciência. Quando recobrou os sentidos, estava numa choupana e já era noite. Um homem mais velho que ele preparava algo em uma cuia, e ao ver José desperto, mas ainda bem fraco, ajudou-o a se sentar:

- *Anda, beba que isso vai ti fazê bem* – disse-lhe. Apesar do forte gosto amargo ele bebeu tudo. Durante a noite toda delirou com febre alta e calafrios, mas na manhã seguinte levantou-se bem como nunca se sentira. O homem que cuidara de José lhe deu uma caneca com leite de cabra para beber.

- *Num sei nem como agradecê. Só nosso senhor Jesus Cristo que tá lá no alto pode paga pelo que vosmecê me fez. Muito agradecido* – Tornaram-se amigos. José e Geraldo. Juntos viajaram, passaram apertos e dificuldades, trabalharam, brigaram, disputaram mulher, mas nunca abandonaram um ao outro. Durante o ciclo da borracha, extraindo o látex da seringueira, no Pará, Geraldo pegou febre amarela e adoeceu gravemente. Zé recorreu a todos os curandeiros da região; Zé fez promessa a tudo quanto é santo; e Zé quase desabou quando desenganaram o amigo. Ele ajoelhou-se no leito do companheiro, rogou a Deus pela sua recuperação e chorou feito criança. Saiu do barraco no qual estavam, esbravejou contra os céus e invocou as entidades da floresta para usarem-no como cavalo:

- *Eu to aqui pra vosmeceis faze o que fô de necessidade pra dá boa saúde di novo a ele* - Ele então adentrou a mata, voltou com ervas, raízes e cascas; entoou algumas conjurações enquanto preparava uma espécie de poção, e levou para o amigo beber, levantando sua cabeça com cuidado e dando-lhe aos goles. Depois defumou todo o ambiente, entre rezas e conjurações, e sentou-se na porta numa espécie de transe. Algumas horas depois, com o despontar do alvorecer, Geraldo acordou chamando por Zé.

- *Que cê tá fazendo aí homi sentado na porta?* - O amigo parecia dormir sentado e Geraldo teve que lhe chamar várias vezes para ele despertar. José ficou surpreso ao ver Dodô bem, com um semblante ainda cansado, mas com um sorriso no rosto pedindo um fuminho de rolo para pitar. Zé chorou de novo, mas dessa vez de alegria abraçando o amigo.

- *O que cê fez pra mim hein?* – perguntou Dodô, mas Zé não se lembrava de nada. Não fazia ideia do que se passara, nem de como pode ter preparado algo para Geraldo beber com ervas que ele nem conhecia. Na verdade só soube disso porque o próprio amigo lhe contara. A amizade entre ambos se fortaleceu ainda mais; Dodo era a

única pessoa que Zé tinha no mundo, a única pessoa que ele chegava a considerar família. Com a saúde totalmente restabelecida, trataram de tomar um novo rumo atrás de trabalho e novas oportunidades. Seguiram pelo rio Xingu atravessando cidades e comunidades ribeirinhas, descobrindo um mundo que Zé jamais imaginou conhecer com canindés colorindo os céus ao final da tarde, capivaras e ariranhas surgindo à margem do rio, e andiroba, tachi preto, castanha-do-pará e cedro povoando a rica mata tropical. Tudo era encanto, dádivas da natureza. A vida era simples, e os bons momentos também. Pernoitavam a céu aberto junto a uma fogueira, e ao som da velha viola de Dodô. Por vezes eram surpreendidos por antas que apareciam à procura de frutos durante a noite próximo aonde eles estavam; mas com estas não havia problema, a preocupação mesmo era com onça pintada aparecendo atrás de comida... dormiam com um olho fechado e o outro aberto.

Geraldo pacientemente ensinou José a ler e escrever, contou-lhe histórias de suas andanças, e procurou transmitir-lhe tudo que aprendera e que achava ser útil. Dodô sempre dizia a Zé que a gente devia prestar atenção às coisas da natureza, e tomar seu movimento como exemplo para aplicar em nossa própria vida. Ao final das tardes eles sentavam-se em algum lugar aberto e alto, e simplesmente ficavam em silêncio, ouvindo o chamado do anacã, observando o voo do imponente gavião real, admirando a beleza da ararajuba. Quando estavam a barco retinham a atenção no nado do peixe-boi e do boto cor de rosa, na tartaruga gigante e nos temíveis poraquê e jacaré-açu; e ficavam em silêncio.

- Cê sabe Zé que o povo axa que o boto vira moço na noite e sai namorá as muiê daqui? Daí elas fica de barriga e fala que é fio do boto!

- Contá pro cê Dodô que já cunheci muito boto nessa vida de meu Deus intaum viu? – e Geraldo e Zé riam-se muito. Mas nem tudo era graça. Depararam-se com tragédias e cenas que preferiam esquecer. Viram desgraça por muitos lugares onde passaram; gente na miséria, doenças terríveis, violência e opressão de todo tipo. Conheceram um Brasil de Joãos e Marias abandonados a própria sorte.

Seguiram viagem e rumaram para o centro-oeste do país. Em Mato Grosso conheceram duas irmãs com quem se enrabicharam e casaram. Constituíram família que aos poucos foi crescendo, e aumentando, e assim vieram os filhos, sobrinhos, afilhados, netos.... Junto deles foram para Goiás. Souberam ali da necessidade de mão-de-obra para construir, erguer a nova capital de nosso país. Isso encheu de alegria e de esperança

o coração daqueles dois filhos da pátria amada. Era a promessa de um sonho maior, era a promessa de um Brasil melhor pros brasileiros!

Conseguiram trabalho Geraldo, José e alguns de seus filhos. Mas durante um carreto para o transporte de materiais de construção para o setor em que trabalhavam, Dodô sofreu um acidente grave, e não houve muito o que fazer. Ele faleceu nos braços do amigo Zé. Em seus últimos instantes de vida, fez com que Zé jurasse que seguiria forte para cuidar de suas famílias. Não foi fácil para ninguém aquele acontecimento, mas para José foi o pior dos baques. Ele quase não resistiu. E passou dias sem dizer uma só palavra, sem se alimentar e sem dormir. Por fim fez jus ao juramento feito a Dodô e se reergueu, voltou ao trabalho, e zelou por todos aqueles que amava.

O tempo passou, todos os filhos dele e de Dodô estavam bem encaminhados, seu trabalho na construção de Brasília acabara, e ele teve a sensação de dever cumprido. Sentou-se na soleira da porta de sua casa, e um filme da história de sua vida lhe passou pela cabeça. Uma lágrima brotou no canto de seu olho. Ele deu um sorriso saudosista, olhou com os olhos brilhantes para o céu, e agradeceu baixinho a Deus pela vida que tivera. Cerrou os olhos. Quando os reabriu, avistou duas figuras surgirem no meio de um redemoinho de vento que se formara. Aproximaram-se. Era sua mãe, e Dodô.

- *Fio, veim. A manhê tá com ocê di novo* – e pegou a mão de Zé. Dodô abriu um sorriso maroto ao companheiro e lhe disse:

- *Obrigado por cuidá bem da nossa família* – Eles se abraçaram os três, e Zé chorou. E foram-se, caminhando, abraçados, juntos.